

**AS LEIS DE
ORLANDO**

GÊNEROS E/M TRADUÇÃO/DESCONSTRUÇÃO



Universidade Estadual de Santa Cruz

GOVERNO DO ESTADO DA BAHIA

JERÔNIMO RODRIGUES - GOVERNADOR

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO

ADÉLIA MARIA CARVALHO DE MELO PINHEIRO - SECRETÁRIA

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE SANTA CRUZ

ALESSANDRO FERNANDES DE SANTANA - REITOR

MAURÍCIO SANTANA MOREAU - VICE-REITOR

DIRETORA DA EDITUS

Rita Virginia Alves Santos Argollo

Conselho Editorial:

Rita Virginia Alves Santos Argollo – Presidente

Angye Cássia Noia

Antônio Carlos Luz Costa

Cacá Gonçalves

Cláudia Ribeiro Santana

Eduardo Lopes Piris

Jussara Tânia Silva Moreira

Lucas Gabriel Santos Costa

Lurdes Bertol Rocha

Marcial Cotes Jorge

Maurício Santana Moreau

Mauro de Paula Moreira Rita

Jaqueline Nogueira Chiapetti

Ronan Xavier Correa

Sabrina Nascimento

JOSÉ PEDRO DE CARVALHO NETO

**AS LEIS DE
ORLANDO**

GÊNEROS E/M TRADUÇÃO/DESCONSTRUÇÃO

Ilhéus - BA

edits
Editora da UESC

2024

©2024 by JOSÉ PEDRO DE CARVALHO NETO

Direitos desta edição reservados à
EDITUS - EDITORA DA UESC

A reprodução não autorizada desta publicação, por qualquer meio,
seja total ou parcial, constitui violação da Lei nº 9.610/98.

Depósito legal na Biblioteca Nacional,
conforme Lei nº 10.994, de 14 de dezembro de 2004.

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Álvaro Coelho

FOTOGRAFIA DE CAPA

Anna Shvets

(<https://www.pexels.com/pt-br/@shvetsa/>)

REVISÃO

Tikinet Edição Ltda.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

O48 Carvalho Neto, José Pedro de
As leis de Orlando: gêneros e/m
tradução/desconstrução / José Pedro de Carvalho
Neto. – Ilhéus, BA: Editus, 2024.
299 p.: il.

Referências: 277-288.

ISBN: 978-85-7455-579-9

1. Tradução e interpretação na literatura. 2.
Linguagem e línguas. 3. Tradutores. 4. Gêneros
literários - Biografia. I. Título.

CDD 418.02

Elaborado por Quele Pinheiro Valença – CRB- 5/1533

EDITUS - EDITORA DA UESC

Universidade Estadual de Santa Cruz
Rodovia Jorge Amado, km 16 - 45662-900 - Ilhéus, Bahia, Brasil
Tel.: (73) 3680-5028
www.uesc.br/editora
editus@uesc.br

EDITORA FILIADA À


Associação Brasileira
das Editoras Universitárias


ASOCIACIÓN DE EDITORIALES
UNIVERSITARIAS DE AMÉRICA
LATINA Y EL CARIBE

Para minha mãe [como Orlando],
Anailza [a mulher imortal].

“Também já afirmei que invento sim e sem o menor pudor. As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que explode a invenção.”
Conceição Evaristo, *Becos da memória*

“Eles dizem que há dois irrepresentáveis: a morte e o sexo feminino. Isso porque precisam que a feminilidade esteja associada à morte; os paus deles ficam duros de medo! Ficam duros por si mesmos! Eles precisam ter medo de nós.”
Hélène Cixous, *O riso da Medusa*

“Vida? Literatura? Uma devia se converter na outra? Mas como era incrivelmente difícil!”
Virginia Woolf, *Orlando*

“[P]ara mim, a tradução entre línguas ou entre sexos é quase a mesma coisa: ao mesmo tempo muito fácil, rigorosamente impossível, entregue ao acaso.”
Jacques Derrida, *Voice II*

Prefácio

Neste livro, José Pedro de Carvalho Neto, brilhantemente, analisa duas traduções de *Orlando: a biography*, de Virginia Woolf, para o português; a saber, aquelas feitas por Cecília Meireles (1948) e Tomaz Tadeu da Silva (2015). A sua leitura mobiliza a escrita, o corpo escritural e os corpos de vários intelectuais, como a própria Virginia Woolf, Jacques Derrida, a tradutora Cecília Meireles, o tradutor Tomaz Tadeu da Silva e tantos outros teóricos brasileiros (Rodrigues, Haddock-Lobo, Nascimento, Ferreira, Siscar, entre outras e outros) que têm se dedicado ao estudo da obra de Jacques Derrida em nosso contexto acadêmico.

Embarcando na construção disruptiva do gênero biografia e do gênero sexual em transformação, em tradução, na obra *Orlando*, de Virginia Woolf, o autor propõe uma leitura sobre a complexidade dos conceitos de tradução, de biografia e autobiografia, de gênero literário e de gênero sexual. Trata-se de contribuição relevante para os estudos de tradução de textos literários e de estudos de gênero numa interface com estudos derridianos.

José Pedro apresenta, inicialmente, um breve panorama das traduções de Orlando (Virginia Woolf) para o português brasileiro, optando pela tradução de Cecília Meireles, uma mulher, e Tomaz Tadeu, um homem, para investigar, entre outros temas, como as marcações de gênero são representadas em suas escritas tradutórias. Põe em jogo na sua escrita, marcada pela herança derridiana, a complexidade da tarefa de significar os textos e as diferenças sexuais.

As leis de Orlando, como em *Orlando*, de Woolf, são uma obra sobre a vida (ou parte dela), sobre o amor (por Virginia e Derrida), sobre o tempo (de uma tese), sobre a literatura; e, também, como nas traduções, sobre transferências, trânsitos e transformações. Traduzir essa profusão de paixões e de textos é tarefa que se coloca no limite, entre a necessidade e a impossibilidade, se fazendo. Como diria Derrida: *en train de se faire...*

As leis de Orlando recitam e fazem ressoar diferentes vozes femininas e masculinas na escrita desafiadora de José Pedro de Carvalho Neto. O autor desafia as pressuposições fonofalocêntricas perpetuadas pelas tradições filosófica e literária, que lê a partir e com a obra de Virginia e de Derrida. Também, o autor desafia os limites da lei da tradução e da lei do gênero, lendo as traduções de Orlando homem-mulher, contra-assinando a escrita tradutória de Cecília Meireles e Tomaz Tadeu.

O autor traz uma reflexão sobre a instituição da lei e sua transgressão, cujo pano de fundo, bem podemos dizer, seria ancorado na pergunta: Que lei é essa que permite que um/a biografado/a seja homem-mulher (fora, portanto, da lógica binária)? *Orlando* e Virginia pintam e bordam com a lei, e José Pedro entra no compasso dessa dança e traz Derrida para o jogo, para falar que a lei exige um *récit* (essa palavra intraduzível!):

“*La loi exige un récit*”; ou seja, como uma instituição, a lei precisa ser lida e interpretada numa língua e num discurso, o que implica construir significações *em diferença* (*différance*) nas vozes, na escrita, na leitura e na tradução. Em suma, *As leis de Orlando*, no limite dos gêneros acadêmico e literário, escrevem e inscrevem um *récit*, assinando um texto que traz algo novo, como acontece com toda tradução.

Na seção intitulada “A lei da tradução”, José Pedro de Carvalho Neto dialoga com os textos de Derrida sobre a tradução, particularmente com o texto *O que é uma tradução relevante?*, em que se discute, a partir da linda obra de Shakespeare (*O mercador de Veneza*), a dívida contraída e o contrato transformado e não quitado, prevalecendo a lei do Dodge e a consequente ruína de Shylock, o não cristão (mas essa é outra estória, diria Pedro). De um lado, evidencia que a lei é mediada, lida, interpretada, transformada, tanto quanto a tradução, numa língua humana; de outro, nos instiga até o limite (junto com Derrida) a reconhecer que a condição de existência da tradução é a ruína de um significado transcendental, e, por isso mesmo (porque não existe um significado dado), é, neste movimento de queda, que a tradução acontece, os textos sobrevivem e continuam a significar. E este é o triunfo da tradução e, também, de *As leis de Orlando*.

O autor transita pelos indecíveis dos textos de Derrida para dizer das aporias da tradução, imprimindo uma escrita singular e conduzindo o leitor pelas malhas de uma construção teórico-metodológica relevante, para aproveitar essa palavra problemática e complexa que empresta de Derrida.

Em outra seção, sob o título “A lei do gênero”, José Pedro reflete sobre o ensaio de Derrida de mesmo nome e traz uma elaboração inovadora sobre diferença sexual, articulando

as contribuições do filósofo com as da escritora Virginia Woolf, desconstrutora. Na sua leitura, Virginia, nessa obra monumental que é *Orlando*, constrói um *récit* sobre a lei da biografia e da autobiografia, em que esse/a personagem homem-mulher performa gêneros, quebra com a unicidade do sujeito biografado(a), desafia, também, a fixidez dos gêneros literário e sexual e, ainda, impõe à tradutora e ao tradutor desafios de como representar na língua tantas transgressões de conceitos e da própria língua.

E como tudo isso está representado nas traduções de *Orlando*? E conseqüentemente: como lidar com o espaçamento de uma língua a outra, em tradução, na tradução, para *dar conta de Orlando*? Mas José Pedro nos lembra que são “Orlandos”, título da segunda parte do seu livro.

Nessa segunda seção do livro (a analítica da obra), o autor constrói a sua escrita considerando o *corpus*: *Orlando: a biography* (1928, com Virginia Woolf), *Orlando* (1948, com Cecília Meireles), *Orlando: uma biografia* (2015, com Tomaz Tadeu); e inscreve a sua leitura numa outra tradução (Orlandos). E, na p. 205, Pedro escreve:

He stretched himself [Espreguiçou-se]. *He rose* [levantou-se; saltou da cama]. *He stood upright in complete nakedness before us* [ficou de pé, completamente despido na nossa frente, erguendo-se em toda a nudez diante de nossos olhos]. *We have no choice left but confess - he was a woman.*

E na sequência desta passagem desconcertante, Pedro, ironicamente, escreve: “Ele, pois não havia dúvida sobre seu sexo, era [uma] mulher”. Com esta formulação paradoxal, o autor retoma uma frase do início do livro: “HE – FOR THERE COULD BE NO DOUBT OF HIS SEX...”. Uma

página no meio do livro se comunica com o início, dando vida a Orlando-Orlando, fazendo uma invaginação, para dizer algo diferente. A sua tradução (que Pedro propõe), lendo Virginia, a tradutora e o tradutor, está permeada, numa verdadeira torre de babel, pela escrita tradutória de Cecília Meireles e de Tomaz Tadeu da Silva, nessa passagem citada, como em tantas outras, primorosamente relevadas do “original”, para problematizar os limites da estrutura binária do gênero sexual e das pressuposições metafísicas da biografia. Imensa tarefa de tradutores!

Certamente, não repetirei aqui todas as análises empreendidas por Pedro, mas adianto ao leitor que ele terá acesso a um estudo de tradução que eleva e releva a tradução e seus tradutores (tradutora e tradutor, nesse caso específico). As leis de Orlando mostram que as performances de gêneros são representadas diferentemente pelos tradutores, frente às rupturas que são lidas no texto de Virginia. Cada tradutor/a, diz o autor, se endivida com essas rupturas e faz de tudo que a língua permite (ou não permite) para lidar com a irreverência de Virginia Woolf.

José Pedro de Carvalho Neto afirma:

As escritas de Cecília e de Tadeu são como *O Carvalho* [que sobrevive e resiste ao tempo, sofre feridas de fogo e de sangue] e testemunham o texto de Virginia. A lei de transformações da obra obrigam-lhes também, em sua língua, a transformar, ferir, adiar, dormir e silenciar o texto, além de transbordar suas margens. As memórias e experiências de Cecília (tradutora e mulher) e Tadeu (tradutor e homem), que viveram em tempos diferentes, com funções sociais diferentes, obrigam-lhes a praticar a alteridade fora e dentro do texto para marcar suas escolhas tradutórias (p. 268).

Agradeço ao Pedro a oportunidade de acompanhar a pesquisa, que culminou neste livro, que honra a tradução e a tarefa interminável de tradutoras e de tradutores que têm se dedicado a traduzir obras literárias no Brasil.

Élida Ferreira
28 de janeiro de 2024

SUMÁRIO

Prefácio do autor 17
Quem diz eu/nós? 21
Que/m é Orlando? 25
Como é Orlando? 31

AS LEIS 35

A lei da tradução 37
ou tradução ou desconstrução 39
tradução a traduzir 61

A lei do gênero 91
o arranhar de uma pena 93
virginia desconstrutora, derrida desconstrutor 109
o corpo e o *corpus* 125
a dupla invaginação quiasmática das bordas
(lei e indecidibilidade) 135

ORLANDOS 153

ele, sem dúvida... apesar da moda 159
melhor confessar do que esconder 187
qual o êxtase maior? o da mulher ou do homem? 219

UM *RÉCIT* 253

Índice 271
Referências 277
Créditos das ilustrações 289

Posfácio 291